

# MORAL CATEQUÉTICA

**COLEÇÃO TEOLOGIA PARA CATEQUISTAS**

---

- *Creio na Trindade: a fé trinitária explicada aos catequistas*, João Batista Libanio
- *Moral catequética: formação de teologia moral para catequistas*, Nilo Agostini

Frei Nilo Agostini

# MORAL CATEQUÉTICA

FORMAÇÃO DE TEOLOGIA MORAL PARA CATEQUISTAS



Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Angélica Ilacqua CRB-8/7057**

---

Agostini, Nilo

Moral catequética: formação de teologia moral para catequistas / Frei Nilo Agostini. - São Paulo: Paulus, 2021.  
(Coleção Teologia para catequistas)

ISBN 978-65-5562-351-2

1. Catequese - Igreja Católica 2. Ética cristã 3. Moral cristã  
I. Título II. Série

21-3538

CDD 268.3

CDU 268

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Catequistas: Formação: Moral cristã

Direção editorial: *Pe. Sílvio Ribas*

Coordenação editorial: *Pedro Luiz Amorim Pereira*

Coordenação de revisão: *Tiago José Risi Leme*

Preparação do original: *Tatianne Francisquetti*

Coordenação de arte: *Rodrigo Moura de Oliveira*

Capa e diagramação: *Gustavo Gomes*

Imagens capa e miolo: *iStock*

Impressão e acabamento: PAULUS



Seja um leitor preferencial **PAULUS**.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções: **paulus.com.br/cadastro**

Televendas: **(11) 3789-4000 / 0800 016 40 11**

1ª edição, 2021

© PAULUS – 2021

---

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 • São Paulo (Brasil)

Tel.: (11) 5087-3700

paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-65-5562-351-2

Aos catequistas que  
“fazem ressoar a Palavra  
de Deus hoje”  
(DNC 27; cf. CR 31)



# INTRODUÇÃO

O nosso intento, nesta obra, é estabelecer a relação entre ética, moral e catequese, buscando apontar a contribuição da moral católica para uma *catequese renovada*, enquanto esta faz parte da “ação evangelizadora no âmbito da grande missão da Igreja” (DGC 4).<sup>1</sup> Como nos orienta o *Diretório Geral da Catequese*, o caminho a percorrer é o da “renovação da vida eclesial, postulada pelo Concílio Vaticano II” (DGC 5), o que equivale a afirmar que uma *catequese renovada* requer igualmente uma *moral renovada*. O Conselho Pontifício para a Promoção da Nova Evangelização (2020, n. 1) assim se expressa no novo *Diretório para a Catequese*: “A catequese pertence, de pleno direito, ao mais amplo processo de renovação que a Igreja é chamada a fazer para ser fiel ao mandato de Jesus Cristo de anunciar sempre e em toda a parte o seu Evangelho (cf. Mt 28,19)”.

O *Diretório Nacional de Catequese* (DNC 53c),<sup>2</sup> por sua vez, aponta para uma necessária formação moral, descrevendo alguns de seus aspectos indispensáveis para a catequese. Vejamos:

Formação Moral: uma tarefa importante da catequese é educar a consciência, atitudes, espírito e projeto de vida segundo Jesus. As bem-aventuranças e os mandamentos, lidos e praticados à luz do Evangelho, e com suas consequências éticas e morais, tanto pessoais como sociais, fazem parte do conteúdo essencial da educação para as atitudes cristãs, como discípulos

---

<sup>1</sup> DGC: *Diretório Geral para a Catequese*, Congregação para o Clero

<sup>2</sup> DNC: *Diretório Nacional de Catequese*, CNBB.

e discípulas de Jesus Cristo (cf. Mt 5,3-12; Ex 19; Dt 5,6-21; Mt 25,31-46). A formação para o sacramento da Penitência contribui para a formação moral. A coerência da vida dos cristãos com sua fé é sinal de eficácia da evangelização. Somente essa coerência poderá evitar os desvios do materialismo, consumismo, hedonismo e relativismo, e superar as “estruturas geradoras de injustiças” e outras formas impostas a um povo de tradição cristã. É preciso mostrar que a religião, especialmente o cristianismo, é fermento de libertação da pessoa e de transformação da sociedade (DNC 53c).

Qual é mesmo a contribuição da moral católica? O nosso intento é revisitar o campo da moral, sobretudo no modo como é cultivado pela Igreja Católica, e oferecer a riqueza ali encontrada para a catequese. O presente texto foi escrito para os(as) catequistas, apoiando-os(as) na missão que lhes é própria. Lembramos que, em 1983, por ocasião da 21ª Assembleia Geral, a CNBB aprovou o documento *Catequese Renovada* (CR – CNBB – XXI Assembleia Geral, 1983).<sup>3</sup> Na ocasião, buscando apontar para a catequese como uma prioridade, a Igreja Católica no Brasil procurou traçar orientações e conteúdos que passaram a nortear toda a atividade nesse campo da evangelização. Valorizou o passado, tendo em conta a catequese como iniciação da fé e vida da comunidade (séculos I a V), como processo de imersão na cristandade (séculos V ao XVI), como instrução e aprendizagem individual (a partir do século XVI), e como educação permanente para a comunhão e a participação na comunidade de fé (século XX).

O documento *Catequese Renovada* reconhecia que existiam características positivas, bem como identificava deficiências na catequese em nosso país (CNBB – XXI Assembleia Geral, 1983, n. 25-26, p. 15-16). Um intenso trabalho de animação e de aprofundamento tem sido empreendido desde então, para reforçar

---

<sup>3</sup> CR: *Catequese Renovada*. CNBB: Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.



os eixos básicos e preencher as lacunas. O *Diretório Nacional de Catequese*, aprovado em Assembleia Geral dos Bispos do Brasil, no ano de 2005, aponta para a necessidade de uma formação dos catequistas que seja igualmente moral (DNC 287c; CNBB, 2006), somando com a formação humana, bíblica e litúrgica.

Esse mesmo *Diretório* destaca a necessidade de “promover uma sólida formação dos leigos”, sendo essa uma missão indispensável da catequese com adultos (DNC 183b; CNBB, 2006), pois eles são os primeiros interlocutores da mensagem cristã, e deles depende a formação das novas gerações (DNC 181; CNBB, 2006). A catequese com adultos já fora, anteriormente, incluída no foco das atenções com ampla reflexão, especialmente por ocasião da Segunda Semana Brasileira de Catequese, em 2001, da qual participei como expositor (AGOSTINI, 2002a, p. 108-135). Em 2006, por sua vez, foi realizado o Seminário Nacional sobre a Formação de Catequistas para a Catequese com Adultos; nessa ocasião, também como expositor, oferecemos o subsídio “Teologia moral hoje – moral renovada para uma catequese renovada” (AGOSTINI, 2007a, p. 45-62).

Como teólogo da moral ou da ética cristã, venho, por meio deste livro, oferecer uma *moral renovada* para a *catequese renovada*. Tenho presente o aperfeiçoamento solicitado pelo Concílio Vaticano II para o campo da moral e, desde então, paulatinamente cultivado (AGOSTINI, 2019). Foram dados passos significativos em termos de uma formulação renovada da moral. A riqueza deste conteúdo é agora oferecida às catequistas e aos catequistas, para que, vivenciando-a, façam-na chegar aos catequizandos. Assim, podem enriquecer os conteúdos veiculados, tornando-se parte da experiência de fé e do testemunho cristão no mundo.

Na evangelização, entrelaçam-se a ética, a moral e a catequese. Unem-se a fé e a vida. Lançam-se as bases para uma vivência pessoal

e comunitária da fé, num itinerário “rumo à maturidade em Cristo” (cf. Ef 4,13). Os apelos éticos e os engajamentos morais provêm da adesão a Cristo e da pertença à Igreja. O elemento decisivo passa a ser o *seguimento de Jesus Cristo*; ser seu discípulo, acolher a Boa-nova, assumir o Reino de Deus, eis a grande convocação!

Em nossos dias, esse itinerário realiza-se num contexto de rápidas mudanças, o que exige uma capacidade de responder à altura aos novos e numerosos desafios. Iluminados pela fé e na escuta atenta das interpelações do Espírito, saberemos dar as respostas apropriadas mesmo aos problemas mais difíceis. Somam-se, para isso, a inspiração das Sagradas Escrituras, a palavra do magistério da Igreja e a sabedoria acumulada, através dos tempos, na grande Tradição da Igreja.

A ética e a moral são indispensáveis no amadurecimento da fé e no crescimento humano de todos os que, como cristãos e católicos, queiram traduzir a inspiração originária que brota do Evangelho na prática de suas vidas. Isso sem esquecer, é claro, as exigências da situação histórica concreta, tal como se apresenta em nossa vida e em nossa sociedade.

Etimologicamente parecidas, a ética e a moral recebem, hoje, sentidos conotativos que as distinguem, ora ao apontar para a prática, no sentido da vivência de valores, ideais, princípios e normas (= moral), ora para melhor fundamentar a própria moral, assumindo um caráter reflexivo, crítico, de discernimento (=ética), avaliando tudo o que se refere à vida e, sempre que necessário, depurando os contravalores presentes (AGOSTINI, 2010a, p. 74-110).

Desde a sua raiz mais profunda, a pessoa humana é um todo. Ela precisa ser assumida integralmente, sendo esta uma evidência para a moral católica. Sendo assim, a pessoa cresce enquanto ser relacionado, próximo das outras pessoas, capaz de comunhão. Com isso, as relações fundamentais – consigo mesmo, com os(as)

outros(as), com a natureza e com a transcendência – são valorizadas, sabendo que elas tecem e definem o *modo próprio de ser e de viver* do humano, lançando as bases primeiras do *humanum*, enquanto nos referimos à sua natureza mesma. É a partir dessa identidade mais profunda, também chamada de *ethos*, que se estabelecem os referenciais para a vida, geralmente na forma de *evidências primitivas* ou de *raiz*, que qualificam os costumes e os comportamentos, dando-lhes estabilidade e garantindo um consenso.

Em meio ao pluralismo e à diversidade atuais, o consenso é muitas vezes quebrado; sentimos isso nas relações de nosso dia a dia, em nossas comunidades e em nossa sociedade. Isso tem como consequência a quebra dos padrões de comportamento, inicialmente gestados a partir da raiz mais profunda do humano, que não consegue mais manter a unidade primitiva (de raiz); por isso, faz-se necessária a moral, como apoio às pessoas e à sua convivência na família, na comunidade e na sociedade. Surge a necessidade de qualificar a vida com instâncias normativas encarregadas de dizer o que antes ia por si, passando a afirmar com clareza o que é preciso fazer. Salva-se, assim, por meio da moral, o consenso social, aponta-se para os valores, delineiam-se com clareza os ideais. Além da moral, são estabelecidas, normalmente, outras instâncias mediadoras do convívio social, em especial as normas sociais e o próprio direito, entre outras.

Diante da crise de nossos dias, marcada, sobretudo, pela perda do consenso nos valores fundamentais, e diante do pluralismo e da diversidade em nossa sociedade, faz-se necessário resgatar também a ética. Pelo seu caráter reflexivo e crítico, de discernimento, a ética nos auxilia na avaliação e na depuração de tudo o que venha a compor a nossa vida, nos níveis pessoal, psicoafetivo, familiar, comunitário-social e espiritual. Nada escapa do crivo da ética, inclusive a forma como sistematizamos os valores e as

normas na moral. A ética chega, inclusive, a detectar os contravalores que podem estar encravados no mais profundo do humano, tendo a função de depurá-los. Assim, a ética protege o ser humano e a sociedade das malhas do arbítrio, da absolutização do que é apenas relativo, do autoritarismo, das visões míopes, da escravização de si e dos outros, e das cegueiras ideológicas.

No entanto, a ética não se realiza sozinha, como num passe de mágica. É sempre o ser humano desdobrando a sua capacidade ética. Ela é construída na vivência da *alteridade*, ou seja, no respeito ao outro, no diálogo com o próximo. Sim, a ética cresce no diálogo, faz-se comunicação, leva-nos a viver a reciprocidade. A dinâmica da alteridade provoca a ética a se tecer na perspectiva do outro, no respeito às diferenças, fazendo deste mundo o lugar de todos, na equidade, sendo a justiça a virtude maior. Na alteridade, aprendemos a ouvir os outros e a estar atentos aos apelos que nos vêm da natureza em meio aos desequilíbrios ecológicos. Aprendemos a nos colocar a serviço dos outros e da natureza. Estabelecem-se as bases de um discipulado: *saber ouvir* para *saber servir* e, então, *amar* de verdade.

# A ÉTICA E A MORAL EM MEIO AOS DESAFIOS DE NOSSO TEMPO

Com este capítulo, iniciamos o estudo que entrelaça a ética, a moral e a catequese, atentos à especificidade das duas primeiras. Através dele, procuraremos compreender as mudanças que estão ocorrendo na sociedade atual, bem como a crise em curso. Essas mudanças situam-se em meio a um contexto de grandes mudanças; há quem chame este tempo de “mudança de época”. Isso nos levará a analisar a passagem da Modernidade para a Pós-modernidade e suas demandas ético-morais. Entender, acompanhar, decifrar o fenômeno humano em meio a esta crise é de suma importância, sobretudo para evitar os processos de personalização que vão na linha da fragmentação e da miniaturização, como veremos neste estudo. Para auxiliar neste intento, faz-se necessário identificar a necessidade da moral e da ética enquanto mediações para a coexistência entre seres humanos e na nossa relação com a natureza; surge como necessidade o cultivo integral da pessoa humana numa visão desdobrada, como veremos.

## 1. A CRISE ÉTICO-MORAL NUMA SOCIEDADE EM MUDANÇA

Vivemos num momento de grandes e rápidas transformações. As mudanças são permanentes. Passamos da época pré-moderna, com seu mundo tradicional e rural, para a moderna, impulsionados pela mobilidade e ambientados na cidade. E, não bastando as novidades desse processo, já entramos para a Pós-modernidade. Tudo flui rapidamente. Impulsionados pela razão, dotamo-nos de tecnologias. Instrumentalizamos o saber para sermos fazedores de coisas. Transformamos a natureza e a vida, e achamos que, com isso, estamos garantindo a nossa felicidade e realização.

Apesar de todo o avanço das ciências e das tecnologias, habitamos o mundo em meio a muitas incertezas. Está no ar uma ausência de sentido para a vida e uma ausência de normas que balizem nossa vida e suas ações. Nunca habitamos tão perto uns dos outros e nunca nos comunicamos com tanta facilidade. Porém, cresce o individualismo, criamos “mundinhos” fechados, numa ausência de valores. As mesmas tecnologias que nos aproximam de quem está longe acabam, muitas vezes, nos afastando de quem está perto. Vivemos os paradoxos de um mundo superavancado técnico-cientificamente, mas atrasado no sentido humano, comunitário e social. Sentimo-nos incapazes de vivenciar uma experiência mais profunda de vida.

A Modernidade elegeu o indivíduo como a referência, numa versão da vida antropocentrada, sendo o ser humano o centro. Ela contrasta com o nosso passado, pré-moderno e tradicional, no qual Deus era o centro, numa visão teocêntrica.

A modernidade tem como elemento central a afirmação de que o ser humano é autônomo, sujeito de si e da história. Busca, assim, marcar sua independência frente a toda determinação que venha de fora (tradições, religiões, autoridades, forças da natureza...), ou seja, de toda

heteronomia. Por isso, é revolucionária frente à sociedade tradicional, porque esta era marcada mais pelos padrões preestabelecidos, pelos papéis, ritos e cultos que cada um tinha que desempenhar bem delimitados, por uma integração de todos ao *status quo* sem questionar nada; nela, tudo estava praticamente previsto de antemão (AGOSTINI, 2007b, p. 23).

Ao eleger o ser humano como centro, a Modernidade não está apontando, necessariamente, para a família ou a comunidade, mesmo que continuem presentes, mas está colocando no centro o indivíduo.

Cabe ao indivíduo encontrar o seu lugar na sociedade, já que não é mais esta (no estilo rural/tradicional) que lhe fixa um lugar, que o casa, que o emprega, que o engaja num esquema de pensamento. Cabe, portanto, ao indivíduo captar, escolher, decidir-se e “virar-se” diante de uma gama muito grande de possibilidades e de exigências da vida moderna (AGOSTINI, 2002b, p. 98).

Até parece que o indivíduo moderno é realmente autônomo, livre e sujeito de si. No entanto, não é o que está acontecendo. Esse indivíduo sente-se frágil diante de tamanha gama de escolhas no pluralismo de nossos dias; sente-se frágil para enfrentar sozinho tantos desafios; tem dificuldade de definir seu rumo, garantir sentido à vida e amalgamar o que possa realizá-lo na vida.

Vivemos uma crise marcada pela perda de referenciais e pela perda do consenso. Isto nos desestabiliza em nossas raízes. Rompeu-se aquela unidade de raiz e já não caminhamos todos na mesma direção. Em vez de existir uma uniformidade e unanimidade, típica do Brasil rural, nossa sociedade é hoje plural e policêntrica. Sentimo-nos dispersos, muitas vezes sem rumo, com dificuldade de captar o sentido da vida e chegar à verdade. A vida pessoal e social fica cheia de dificuldade, às vezes até comprometida em seu equilíbrio. Estamos em meio a uma crise de paradigmas (AGOSTINI, 2019, p. 24).